

A DIDATIZAÇÃO DO GÊNERO CRÔNICA NA OLP: DESAFIOS DOCENTES

NEGROMONTE, Katianny Késia Mendes
UFCG - (katiannykessiakmn@hotmail.com)

NEVES, Emily Thaís Barbosa
UFCG - (emilythaisok@hotmail.com)

RODRIGUES, Marcia Candeia
UFCG - (marciac_rodrigues@hotmail.com)

INTRODUÇÃO

Os gêneros são ações reconhecidas socialmente através de seus representantes textuais. Dentro e fora da escola, eles proporcionam a interação entre o leitor e o autor, entre o professor e o aluno, e ainda entre sujeitos diversos que convivem e realizam práticas nas mais diversas esferas da sociedade.

Tendo em vista que os gêneros textuais facilitam a mobilização de saberes imprescindíveis à formação do aluno, as Olimpíadas de Língua Portuguesa: Escrevendo o Futuro (OLP) tem como principais objetivos: “democratizar os usos da língua portuguesa, reduzindo o “iletrismo” e o fracasso escolar; contribuir para melhorar o ensino da leitura e da escrita através da sequência didática que direciona o trabalho docente; permitir direta e indiretamente a qualificação na formação do professor.

Diante disso, este artigo tem como objetivo descrever e analisar as oficinas e as atividades do caderno do professor da OLP, cujo gênero a ser produzido é a crônica. Esse material destina-se a professores e alunos do 9º ano do ensino fundamental e 1º ano do ensino médio. Para tanto, discutimos as contribuições didáticas deste procedimento à luz de Schneuwly e Dolz (2004, 2012\2014), Zabala (1998) e Lino Araújo (2009). Sobre o papel dos gêneros textuais no ensino de língua materna trazemos também as contribuições de Marchuschi (2008), Meurer, Bonini, Motta-Roth(2005), PCNs de língua portuguesa (1998).

1. METODOLOGIA

A metodologia adotada neste artigo é de natureza qualitativa, pois compreendemos que os dados analisados devem ser interpretados e não apenas serem descritos e explicados. Neste sentido, analisamos de maneira interpretativa as propostas de atividades que orientam a produção do texto de gênero crônica do caderno do professor da OLP que se encontra em versão digital no portal do MEC.

Cada atividade foi considerada em conformidade com as leituras feitas e contribuições que cresceram ou não ao trabalho didático do professor.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CONCEPÇÃO DE GÊNEROS TEXTUAIS E O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) ressaltam a importância do ensino dos gêneros textuais, pois estes sistematizam os aspectos da leitura, da escrita e da análise linguística que são essenciais para a compreensão da língua. Rojo (2005) acredita que através do ensino de gêneros é possível fazer uma “leitura pragmática ou funcional do contexto / situação de produção” (p.193).

Neste sentido, o ensino de gêneros vem sendo alvo de muitas discussões nas instituições de ensino básico, em ambiente acadêmico e em diversos contextos sociais. Marcuschi (2005) em relação ao conceito e finalidade dos gêneros textuais afirma que

Partimos do pressuposto básico de que é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto, denominando então os gêneros textuais como fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social (p.22)

Neste sentido, a escola tem buscado trabalhar gêneros facilitadores do saber indispensável para a formação do conhecimento do aluno na comunidade letrada, pois, além de instrutivo, tem como finalidade desenvolver a habilidade da escrita vinculada a uma situação comunicativa, o que permite o estímulo para esta prática.

2.2 SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Didaticamente, o ensino de língua portuguesa tem privilegiado capacidades cognitivas do aluno e muito pouco do que ele precisa para interagir no conjunto social. Para mudar esta realidade, Zabala (1998) sugere que o docente identifique e selecione conteúdos, através de uma sequência didática que proporcione o crescimento dos alunos, pois os métodos de organização de uma aula, incidem, direta e indiretamente, na aprendizagem dos discentes. Neste sentido, a sequência didática (SD) de acordo com Araújo (2013):

É um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito e tem como objetivo favorecer a mudança e a promoção dos alunos ao domínio da escrita, da leitura, da análise linguística e das situações de comunicação. (P.326)

De acordo com Schneuwly e Dolz (2004), a SD tem como finalidade dar acesso aos alunos a práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis, permitindo-lhes falar e escrever de maneira mais adequada numa dada situação de comunicação, sendo assim, é importante uma sistematização e estes autores pensaram a SD em quatro etapas. Primeira etapa seria a apresentação da situação que consiste expor aos alunos uma situação comunicativa e prepará-los para a segunda etapa que é a produção inicial, ou seja, a primeira versão escrita de um determinado gênero escolhido para objeto de ensino. A terceira etapa que corresponde aos módulos, o professor irá trabalhar através de atividades os problemas de leitura, escrita e análise linguística apresentados na primeira produção. A quarta etapa é referente à produção final, momento em que o aluno terá que reescrever o seu primeiro texto a partir dos conhecimentos adquiridos ao longo da sequência.

Zabala (1998) também acredita que a SD é uma proposta metodológica e que “é determinada pela série ordenada e articulada de atividades que formam as unidades didáticas”(p.53). Neste sentido, é imprescindível que o docente no momento de elaborá-la tenha como perguntas norteadoras: o que se deve saber? O que se deve saber fazer? Como se deve ser? Para que, assim, o ensino e a aprendizagem se tornem mais sistemáticos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. DESCRIÇÕES DO CADERNO DO PROFESSOR DA OLP

O caderno do professor da OLP foi elaborado por professores pesquisadores que discutem a escrita e seu ensino, entre eles destacam-se Schneuwly e Dolz. Na introdução do caderno encontramos uma breve apresentação sobre como surgiu, quais os objetivos, quais as justificativas para a criação e implementação do projeto da OLP nas escolas brasileiras. Além disso, os pesquisadores apontam que a sequência didática é o instrumento metodológico norteador das oficinas porque orienta os docentes para que escolham e adaptem as atividades, trabalhem com outros textos do mesmo gênero, trabalhem sistematicamente as expressões verbais e as formas de expressão dos textos, além de proporem aos alunos a escrita do primeiro texto, avaliando as suas capacidades iniciais, estimulando, progressivamente, a escrita cuidadosa dos alunos. Após esta introdução, o caderno

propõe 11 oficinas, ficando a cargo do professor a quantidade de aulas que será direcionada para cada uma delas. Descreveremos a seguir estas oficinas no seguinte quadro:

Número da Oficina	Descrição
Oficinas 01, 02	O principal objetivo é situar o aluno sobre a finalidade da escrita e apresenta-lo ao gênero, a partir da leitura de crônicas.
Oficina 03	Solicita a primeira produção textual. Permitindo que o professor a partir desta escrita reconheça as principais dificuldades do aluno, quanto aos aspectos linguísticos e estruturais do gênero.
Oficinas 04 e 05	Evidenciam a partir da leitura de crônicas os recursos literários, a temática e os elementos da narrativa (tempo, espaço, personagem, enredo e o tom).
Oficina 06	Propõe uma reflexão sobre a distinção entre o gênero notícia e crônica, ressaltando os recursos discursivos e linguísticos.
Oficina 07	Permite a realização de uma nova crônica a partir de fatos, notícias sobre os acontecimentos sociais. Nesta produção o professor irá corrigir os parágrafos iniciais da crônica.
Oficina 08	É um reforço da oficina 07, pois o objetivo é permitir que os alunos saibam como começar uma crônica. Após isto, propõe que eles produzam uma nova crônica, partindo de uma notícia.
Oficina 09	Produção coletiva do gênero crônica, focalizando os aspectos estilísticos, estruturais do gênero.
Oficinas 10 e 11	Solicita-se a primeira versão final da crônica e em seguida a reescrita do texto.

(Fonte: caderno do professor da OLP)

A partir desta descrição, é possível perceber que o material que norteia a atividade docente explora demasiadamente a leitura, a escrita e a reescrita do texto desse gênero o que contribui para o domínio do gênero. Como podemos observar nas oficinas 01, 02, 04, 05, 06.

A didatização do gênero corrobora com as etapas da Sequência Didática de Schneuwly e Dolz (2004) e as atividades propostas permitem que o docente explore os conhecimentos prévios dos alunos sobre os aspectos composicionais, estilísticos do gênero. Nessa direção, as atividades buscam ativar o potencial dos alunos, ampliando conhecimentos já consolidados (ZABALA, 1998).

Observamos também que nas oficinas 03, 07, 08, 09, 10 e 11 solicitam propostas de produções textuais, no entanto, algumas produções não são efetivamente aproveitadas pelo professor no tocante à temática proposta pelo concurso. Diante disso, acreditamos que o docente precisa adequar este procedimento, pedindo uma produção inicial e fazendo o processo de reescrita a partir de cada aspecto do gênero crônica, assim os alunos ficariam mais motivados a participar do concurso e, ao mesmo tempo, desenvolveriam novas habilidades de leitura e escrita.

5. CONCLUSÃO

Após análise das oficinas e atividades da OLP, constatamos que ela contribui para o processo de produção do texto crônica, visto que a SD apresentada no caderno do professor traz atividades sistemáticas de leitura, escrita e análise linguística, o que favorece o domínio da estrutura composicional, estilística e linguística do gênero crônica.

Neste sentido, é importante, por um lado, que os professores de língua portuguesa das escolas públicas brasileiras participem da OLP, para que assim, os alunos se sintam motivados para escrever textos direcionados para uma situação comunicativa efetiva, além de permitir que eles desenvolvam habilidades de leitura, recuperando e aprimorando os conhecimentos linguísticos da língua portuguesa. Por outro lado, é necessário que a OLP reconheça as particularidades das escolas brasileiras, o perfil dos alunos e possibilidade ou não de as atividades se constituírem motivadoras e, de fato, construtivas no processo de aprender um determinado gênero de texto.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Denise Lino de. O que é (e como faz) sequência didática? **Entrepalavras**, Fortaleza, ano 3, v. 3, n. 1, jan/jul, 2013, p. 322-334.
- DOLZ, Joaquim.; NOVERRAZ, Michele SCHNEUWLY, Bernard. “Coleção de Livros Didáticos”. IN.: Sequências didáticas para o oral e a escrita: Apresentação de um procedimento. Ed: Boeck, França, 2001, p. 95-128.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In.: DIONÍZIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros Textuais e Ensino*. 4ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. P. 19-36.
- ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: Questões teóricas e aplicadas. In.: MEURER, J.L; BONINI, Adair; ROTH, Mota. *Gêneros teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. P. 184-207.
- ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.